

O DILEMA DA REPRESENTAÇÃO EM *O LIVRO DAS SEMELHANÇAS*, DE ANA MARTINS MARQUES

Bruna Wanderley Pereira (mestra em Estudos literários pela UFAL)

RESUMO

O presente trabalho pretende realizar uma leitura dos poemas da autora brasileira Ana Martins Marques com base nos estudos da mimese e da representação, focalizando nos estudos que se voltam para o texto poético. Dos cinco livros da autora, sendo três escritos individualmente e dois escritos em dupla, será analisado aqui o seu terceiro livro escrito individualmente e publicado em 2015, *O livro das semelhanças*. Foram enfocadas duas seções do livro para a análise, intituladas “Livro” e “Cartografias”, sendo selecionados quatro poemas da primeira e dois da segunda. Os poemas serão trabalhados sob a perspectiva de autores como Merquior (1997), Iser (2002), Candido (2004), entre outros. Objetiva-se discutir sobre os aspectos metaficcionais presentes nos poemas, assim como aspectos relativos a representação do real em sua literatura.

Palavras-chave: O livro das semelhanças. Ana Martins Marques. Mimese. Representação do real.

THE DILEMMA OF REPRESENTATION IN *O LIVRO DAS SEMELHANÇAS*, BY ANA MARTINS MARQUES

ABSTRACT

This study aims to carry out a discussion about the poems of the Brazilian writer Ana Martins Marques based on the studies of mimesis and representation, focusing on poetry studies. Of the author's five books, three being individually written and two written in double, will be studied here her third book written individually and published in 2015, *O livro das semelhanças*. Two sections of the book, entitled "*Livro*" and "*Cartografias*", were focused on, with four poems from the first and two from the second being selected. The poems will be studied from the perspective of authors like Merquior (1997), Iser (2002), Candido (2004), among others. It aims to discuss the metafictional aspects present in the poems, as well as aspects related to the representation of reality in her literature.

Keywords: O livro das semelhanças. Ana Martins Marques. Mimesis. Representation of reality.

A POESIA DE ANA MARTINS MARQUES E A QUESTÃO DA MIMESE

Ana Martins Marques é uma poeta brasileira contemporânea, nascida em 1977, em Belo Horizonte. É graduada em Letras na UFMG e tem doutorado em literatura comparada pela mesma universidade. É autora dos livros de poesia *A vida submarina* (Editora Scriptum, 2009), *Da arte das armadilhas* (Companhia das Letras, 2011), *O livro das semelhanças* (Companhia das Letras, 2015), *Duas janelas*, escrito em dupla com Marcos Siscar (Luna Parque, 2016), e *Como se Fosse a Casa*, escrito em dupla com Eduardo Jorge (Relicário, 2017). Em seus poemas, a autora constantemente se utiliza do recurso da metapoesia e da metaficção, ao fazer alusões ao ato de escrever poesia enquanto aborda diversos temas. A autora lança uma reflexão sobre a escrita, enquanto alude, com uma pontada de ironia, ao dilema da oposição entre realidade e ficção, fazendo com que alguns poemas englobem diretamente questões discutidas pela teoria literária. Esse conflito entre ficção e realidade vem há muito sendo discutido e reformulado de diversas maneiras por teóricos e teóricas da literatura. A noção Aristotélica de mimese já foi interpretada de diversas formas, e buscarei trazê-la aqui sob a luz de alguns pensadores, como Iser (2002), Merquior (1997) e Candido (2004). Para iniciarmos a discussão, apresentarei um poema do livro *Da Arte das Armadilhas* em que, já no título, a autora faz menção aos conflitos teóricos, trazendo, no próprio poema, uma discussão acerca da representação do mundo pela literatura.

Resistência à teoria

Um galo de lá
não tece a manhã

flores de tecido
não brotam no vestido

mapas no fundo
não são o mundo

com nenhum nome
se mata a fome

as uvas tampouco
nascem na vinha
sob a luminosidade
da palavra dia

(podes ver
o amor
brilhando
entre as letras?)

(MARQUES, 2011, p.83)

O poema parece representar a angústia do poeta em querer imitar o mundo – o real – e não conseguir, ao tomar consciência de que a literatura é feita apenas de palavras, distante da materialidade do real. A ironia parece recair justamente no último verso, onde ocorre uma resistência do eu lírico quanto à oposição mundo/ficção que foi firmada nos versos anteriores, questionando-se até que ponto a realidade (representada no verso pelo amor) e a ficção (as letras) estão completamente separadas uma da outra. Sobre esse ponto, Iser (2002) afirma:

A oposição entre realidade e ficção faz parte do repertório elementar do nosso ‘saber tácito’, e com esta expressão, cunhada pela sociologia do conhecimento, faz-se referência ao repertório de certezas que se mostra tão seguro a ponto de parecer evidente por si mesmo. É, entretanto, discutível se esta distinção, por certo prática, entre textos ficcionais e não ficcionais pode ser estabelecida a partir desta oposição usual. Os textos ficcionais serão de fato tão ficcionais e os que assim não se dizem serão de fato isentos de ficções? (ISER, 2002, p.957)

Iser afirma que essa relação dupla que opõe ficção e realidade deveria ser substituída por uma relação tríplice, onde entraria o imaginário: “Como o texto contém elementos do real, sem que se esgote na descrição deste real, então o seu componente fictício não tem o caráter de uma finalidade em si mesma, mas é, enquanto fingida, a preparação de um imaginário” (ISER, 2002, p.957). Dessa forma, ele acredita que o ato de fingir, expresso na ficção, empresta uma determinação ao imaginário – antes difuso – dando-lhe um “predicado de realidade”.

Merquior (1997), em “A astúcia da mimese”, traz uma discussão ampla acerca do emblemático conceito de poesia e do que se foi discutido até então sobre a sua relação com a realidade. A primeira definição que traz é de que poesia é “o tipo de mensagem linguística em que o significante é tão visível quanto o significado, isto é, em que a carne das palavras é tão importante quanto o seu sentido” (MERQUIOR, 1997, p.17). A poesia apresenta-se, como qualquer outro gênero literário, como uma forma de imitação da realidade, uma representação, através da ficção, de situações humanas universais. Porém, esse conceito começa a ser destrinchado e ganha uma maior amplitude ao longo da discussão proposta pelo teórico, visto que a poesia não se esgota em sua função de representação do real.

Essa função, ainda segundo o autor, é problematizada desde a Grécia antiga, sob diferentes pontos de vista, e essas discussões são encontradas em clássicos da filosofia grega, como *A República*, de Platão, e *a Poética*, de Aristóteles. Para Platão, a poesia era considerada algo menor, e deveria ser banida do estado ideal, visto que representava uma “cópia da conduta inferior, movida por apetites e paixões” (MERQUIOR, 1997, p.18). É Aristóteles quem traz a noção que é debatida até hoje e que já foi lida e interpretada sob pontos de vista completamente opostos. A noção aristotélica de mimese afirma que a poesia tem como origem a “faculdade de imitar”, mas essa imitação não se encerra na função única de representar o real, muito menos busca representá-lo de forma crua e sem desvios. Sobre esse conflito terminológico que se vale da teoria mimética, Leyla Perrone-Moisés afirma:

Criação, invenção, produção, representação, expressão – qualquer dessas palavras já um tanto desgastadas, com as quais se tenta captar o fazer literário (...). A literatura, felizmente, continua existindo, apesar de não acreditarmos mais na possibilidade de a linguagem representar ou expressar um real prévio, criar, inventar ou produzir um objeto que seja auto-suficiente ou, pelo contrário, reabsorvido e utilizado pelo real concreto. A literatura parte de um real que pretende dizer, falha sempre ao dizê-lo, mas ao falhar diz outra coisa. (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 102)

Para Perrone-Moisés, a literatura nasce através de uma falta que é sentida no mundo, e que em seguida tenta ser preenchida pela linguagem, que é falha e incompleta, acarretando

em outra falta. Na verdade, a literatura seria esse algo que apontaria para tudo aquilo que falta no mundo e em nós.

Nesse sentido, podemos relacionar essa afirmação ao que foi dito por Aristóteles sobre a verossimilhança, onde ele afirma que “a obra do poeta não consiste em contar o que aconteceu, mas sim coisas quais podiam acontecer, possíveis no ponto de vista da verossimilhança ou da necessidade” (ARISTÓTELES, 1997, p.28). Como dito por Merquior (1997), o maior mérito da Poética é justamente o fato de Aristóteles “acentuar a autonomia do reino estético ante as normas do mundo exterior” (MERQUIOR, 1997, p.21) ao tempo em que apresenta um forte vínculo entre a poesia e o mundo real.

Pensando nessas breves considerações acerca da faculdade mimética do poema, daremos início a análise de uma das seções d’*O livro das semelhanças*, em que essas questões podem ser claramente discutidas a partir da escrita bastante inovadora da poeta Ana Martins Marques. O livro, como um todo, dialoga diretamente com a teoria literária, especialmente com a questão da representação do real pela literatura, estando, desde o título, refletindo sobre essas semelhanças e distinções. A metaficção é algo recorrente, sendo a primeira seção do livro dedicada a diversos poemas que versam sobre cada parte de um livro, a “capa”, o “nome do autor”, o “título”, e assim por diante. É um livro que questiona sobre sua própria estrutura e função o tempo inteiro, com plena consciência de ser o que Perrone-Moisés (2006) chama de “dupla falta”: a falha, a incompletude da linguagem ao apontar para as falhas e faltas do mundo. Um poema dessa seção, intitulada “livro”, em que podemos refletir sobre essa “falha na representação” é o seguinte:

Não sei fazer poemas sobre gatos

Não sei fazer poemas sobre gatos
se tento logo fogem
furtivas
as palavras
soltam-se ou
saltam
não capturam do gato
nem a cauda
sobre a mesa
quieta e quente

a folha recém-impressa
página branca com manchas negras:
eis o meu poema sobre gatos

(MARQUES, 2015, p.24)

O poema apresenta-se como uma tentativa de capturar fielmente o real – o movimento do gato – buscando que as palavras se movam com o mesmo vigor do felino. Porém, o eu lírico afirma ser impossível fazer um poema sobre esses bichos, visto que fogem o tempo inteiro, nunca parando para “serem escritos”, como se pousassem para uma fotografia. A ironia consiste justamente em apresentar ao leitor um poema pronto sobre a temática que se dizia ser impossível de escrever. O poema, ironicamente, mostra-se como um esboço, uma mancha, como um desastre de gato. Teria sido formado, talvez, por algum momento furtivo em que o felino, imprudente, derrubasse a tinta – com que deveria ser escrito o poema – sobre a “folha recém-impressa”, resultando apenas em uma mancha disforme, confusa.

O poema é breve, talvez para parecer-se mais com essa mancha negra sobre a página branca. Com uma linguagem explicitamente metapoética, o eu lírico aborda a difícil representação do real na poesia, ao mesmo tempo em que o poema nos oferece uma sensação inteiramente real, que experimentamos com frequência: a dificuldade de encontrar palavras para descrever algo que observamos. Dessa forma, voltamos aos conceitos discutidos por Leyla Perrone-Moisés: a poesia relaciona-se com o real pela falta que provém de ambos.

Outros dois poemas que interessam à análise dessa mesma seção são os seguintes:

Primeiro poema

O primeiro verso é o mais difícil
o leitor está à porta
não sabe ainda se entra
ou só espia
se se lança ao livro
ou finalmente encara
o dia

o dia: contas a pagar

correspondência atrasada
congestionamentos
xícaras sujas

aqui ao menos não encontrarás,
leitor,
xícaras sujas

(MARQUES, 2015, p.18)

Segundo poema

Agora supostamente é mais fácil
o pior já passou; já começamos
basta manter a máquina girando
pregar os olhos do leitor na página

como botões numa camisa ou um peixe
preso ao anzol, arrastando consigo
a embarcação que é este livro
torcendo para que ele não o deixe

pra isso só contamos com palavras
estas mesmas que usamos todo dia
como uma mesa um prego uma bacia

escada que depois deitamos fora
aqui elas são tudo o que nos resta
e só com elas contamos agora

(MARQUES, 2015, p.19)

No poema intitulado “primeiro poema”, que vem logo após o poema “epígrafe”, na seção já mencionada, a poesia aparece como pertencente a um mundo próprio, particular, diferente daquele mundo do cotidiano, o mundo do “dia”, onde caberiam os afazeres diários, as obrigações e demais burocracias. A porta representa esse ponto de contato entre o poema e o mundo, como se abrir o livro fosse entrar em outro lugar, diferente do real, um lugar fora do espaço e do tempo, como uma fresta, um hiato. Abrir essa porta seria como fugir das obrigações “reais”, e o eu lírico já trabalha com a previsão de que o leitor estaria começando

o livro receoso, com um tanto de culpa por deixar de lado as “xícaras sujas” e os compromissos burocráticos.

No primeiro verso, o eu lírico não se dirige diretamente ao leitor do livro em que está contido o poema, mas ao leitor universal. Já no último verso, há uma menção direta ao leitor que estará lendo o livro no momento, ocorrendo essa correlação entre individual e universal. Sobre isso, Merquior comenta:

A obtenção de um conhecimento especial sobre aspectos “universais” da vida humana (considerados de interesse constante para o espírito) mediante a figuração de seres singulares é comum a todos os gêneros literários; é o *modus operandi* da literatura em geral. (MERQUIOR, 1997, p.26)

O autor ainda afirma que “A lírica tem por objeto a imitação de estados de ânimo, através de um discurso organizado de maneira especial, e, por finalidade última, determinado conhecimento de verdades humanas universais” (MERQUIOR, 1997, p.28). Dessa forma, pensando no poema, vemos que o “leitor” mencionado ocupa tanto o lugar do leitor universal quanto do leitor individual, que estaria com o livro em mãos, realizando certa previsão acerca de um aspecto universal da condição humana: o leitor e o receio de começar a leitura.

No segundo poema, intitulado assim mesmo, o eu lírico entrega, talvez, a fragilidade da literatura, falando que o material de que esta é feita é o mesmo material que usamos todos os dias para fazer e falar as coisas mais banais: as palavras. Há certa tentativa de desmistificação da literatura, deslocando-a do seu sentido de coisa erudita e parcialmente inatingível para algo que faz ou deveria fazer parte do cotidiano de qualquer um. Essa desmistificação parece uma forma de querer aproximar mais a poesia do leitor, mostrar que ler um livro talvez não seja tão diferente de realizar qualquer outra atividade do dia a dia, mas, ao mesmo tempo, o eu lírico teme que apenas essas palavras não sejam suficientes para “segurar” o leitor na leitura do livro. A ironia é constante no poema, principalmente ao brincar com essa questão da erudição, e apresentar o medo que alguns têm de que palavras simples e conhecidas não sejam suficiente para um bom poema.

Quando o eu lírico afirma “A embarcação que é este livro”, após utilizar duas metáforas para definir a relação entre leitor e livro, “botões numa camisa” e “um peixe preso

ao anzol”, fica-se claro que a noção que se tem de poesia não é a de algo completamente fechado e deslocado da realidade. Essas palavras que menciona no final do poema – que compõem o livro – não se encerram apenas em sua estrutura, mas buscam inserir-se no imaginário, trocar experiências com o leitor, fazendo com que o livro pareça uma embarcação, uma viagem, onde quem o lê poderá experimentar diferentes realidades e identificar-se com sensações já conhecidas. Assim como foi dito por Merquior (1997): “A noção de mimese não isola a obra de arte do mundo, mas faz ler o mundo nas malhas da obra, o reconhecimento linguístico da autonomia do estético não levava ao separatismo da arte.” (MERQUIOR, 1997, p.25).

Quase no término dessa seção, o eu lírico, que é quase confundido com o autor – devido a uma linguagem bastante estratégica – dirige-se diretamente ao leitor, em tom imperativo:

Último poema

Agora deixa o livro
volta os olhos
para a janela
a cidade
a rua
o chão
o corpo mais próximo
tuas próprias mãos:
aí também
se lê

(MARQUES, 2015, p.29)

Imitando o último poema de um livro, aparentando, talvez, uma dica para o leitor na leitura do próprio livro onde está contido o poema, o “Último poema” busca representar o momento em que o leitor termina um livro e não sabe exatamente o que fazer. Parece uma sugestão, um guia, para que o leitor não se sinta tão desorientado no final da leitura. Como se o autor assumisse a responsabilidade por ter tirado alguém de suas obrigações e afazeres cotidianos e tivesse agora que lhe dar um norte.

Aqui, atribui-se uma distinção clara entre realidade e ficção. O eu lírico assume a impossibilidade da literatura de tomar o lugar do real, de representá-lo exatamente como se vê, e sugere ao leitor que expanda a sua experiência ao ler também o que está fora do livro, além das palavras.

Em outra seção do livro, intitulada “Cartografias”, pode-se encontrar uma ampla relação entre os mapas que são citados pela autora e a literatura. Ao trazer um eu lírico que se confunde facilmente entre o real e o não real – como ao buscar, nos lugares que visita, as linhas das fronteiras exibidas nos mapas que lê – a autora metaforiza o fazer literário, assim como a relação entre leitor e livro. Os poemas seguintes fazem parte dessa seção e, sob uma sutil ironia, realizam uma reflexão sobre as diversas formas de representação da realidade. Enumeramo-los de acordo com a sequência em que fazem parte na seção do livro.

(2)

Você fez questão
de dobrar o mapa
de modo que nossas cidades
distantes uma da outra
exatos 1720 km
fizessem subitamente
fronteira
(MARQUES, 2015, p.38)

(8)

Viajo olhando pela janela do ônibus
em busca das linhas vermelhas das fronteiras
ou dos nomes luminosos das cidades
pairando sobre elas
como nos mapas
neles não ventava nem chovia
e nunca era noite
e eu passava horas estudando
todos os caminhos que me levariam até você
mas nos mapas eu nunca te encontrava
chego em duas ou três horas
o coração no peito como um pão
ainda quente na mochila
talvez você me espere na rodoviária
talvez eu te veja ainda antes de descer do

ônibus
assim que descer vou entregar nas suas mãos
 emboladas num novelo
 as linhas desfeitas das fronteiras e
como as contas luminosas de um colar
 cada um dos nomes das cidades

(MARQUES, 2015, p.44)

Nesses poemas, o “você” não parece dirigir-se mais ao leitor de um livro, mas a uma pessoa desejada que mora distante e que está sendo buscada através de mapas e viagens. Entra-se novamente no dilema da representação. No primeiro poema apresentado, o encontro desejado acontece através do manejo do mapa, que é dobrado para que as pessoas que se buscam possam, imaginariamente, ficarem mais próximas. No segundo, quando a viagem acontece e o encontro torna-se possível no plano do real, o viajante, que passou horas estudando os mapas, aparenta confuso ao não mais conseguir distinguir as fronteiras imaginárias, representadas nos mapas com nomes e traços, e os elementos reais dos lugares visitados. Essa confusão de elementos reais e imaginários é intrínseca à linguagem poética, a qual, segundo Candido (2004), surge de uma tensão cheia de ambiguidade que “a explora e incrementa, levando-as às últimas consequências, muito além do nível informativo” (CANDIDO, 2004, p.35). Ainda segundo o autor:

Na comparação, sobretudo em sua forma mais radical, a metáfora, o mundo está e não está presente. De fato, graças a ela o escritor acentua a intensidade da analogia até parecer que não há mais mundo, mas sim uma mensagem com vida própria, podendo inclusive não se referir a algo que a experiência comprove. (CANDIDO, 2004, p.35)

Para o autor, a única maneira de estudar o texto literário “talvez seja entrar pela própria constituição do discurso, desmontando-o como se a escrita gerasse um universo próprio” (CANDIDO, 2004, p.34). Nos poemas, através das metáforas que relacionam mapa e mundo real, o poema assume uma constituição e um universo próprios, que não precisam necessariamente ter semelhança com o mundo real. Entregar ao outro as linhas desfeitas das fronteiras por quais passou só é possível de acontecer no universo próprio do poema, na sua

estrutura particular que possibilita esse determinado tipo de construção, assim como fazer com que cidades distantes se aproximem em questão de segundos só é possível nas cartografias, na estrutura própria do mapa.

Os demais poemas dessa seção também entregam uma estrutura única, que revela a criatividade e perspicácia da autora no momento de construção de sua poesia, utilizando metáforas sofisticadas e reflexões instigantes através de uma linguagem concisa e acessível. Não foi possível analisar todos os dez poemas que compõem essa seção devido à extensão da mesma, mas é um trabalho que pretendo expandir e me aprofundar mais posteriormente.

ALGUMA CONCLUSÃO

Neste trabalho busquei trazer algumas importantes teorias acerca da representação do mundo no texto literário, em especial no texto poético, para que pudesse fazer uma análise da poesia da autora Ana Martins Marques. O livro selecionado para análise foi *O livro das semelhanças*, último livro escrito individualmente pela autora e ganhador do terceiro lugar no Prêmio Oceanos de 2017. Desde o título do livro podemos observar uma menção à questão da mimese na teoria literária, estudo que foi focalizado nesse ensaio sob a perspectiva de autores como Antonio Candido e Leyla Perrone-Moysés, trazendo noções discutidas desde a antiguidade por pensadores como Aristóteles. Foram duas as seções do livro escolhidas para análise, sendo selecionados alguns poemas de cada seção que considere mais pertinentes para explorar neste trabalho. As seções “Livro” e “Cartografias” trazem metáforas e recursos literários bastante interessantes para que possamos refletir sobre a questão do real versus ficção, da literatura versus mundo, da relação entre leitor e livro. Em ambas as seções vemos que os elementos do mundo literário e ficcional misturam-se com os elementos do mundo real, rompendo possíveis barreiras que tentassem se interpor entre eles. O imaginário toma conta da poesia, apresentando uma espécie de realidade fantástica em que já não há mais distinções entre o mundo imaginado, representado em mapas e livros, e o mundo real onde são feitas as viagens “de verdade” – além das viagens sonhadas através dos papéis. A literatura de Ana Martins Martins se diz cotidiana, mas de um cotidiano que não se contenta com a

monotonia do mundo real, e busca ultrapassá-lo com o delírio das palavras, com a experiência infinita e ilimitada que a linguagem e seus rearranjos nos proporcionam. Acredito que a pesquisa ainda mereça mais aprofundamento, tendo em vista a importância dos estudos da representação na literatura de Ana Martins Marques, que é tão cheia de raras imagens poéticas e que fazem alusões constante a aspectos importantes da teoria literária.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A poética clássica**. Introdução por Roberto de Oliveira Brandão; tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruna. 7. ed. São Paulo: Cultrix: 1997.

CANDIDO, Antonio. O mundo refeito e desfeito. In: _____. **Recortes**. 3. Ed. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2004.

DE-VEAUX. Mapas no fundo/Não são o mundo: The “Cartographies” of Ana Martins Marques. **Brasil/Brazil: Revista de Literatura Brasileira**, 2016.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: COSTA LIMA, Luiz (Org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. 3. ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2002.

MARQUES, Ana Martins. **Da arte das armadilhas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MARQUES, Ana Martins. **O livro das semelhanças**. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

MERQUIOR, José Guilherme. Natureza da lírica. In: MERQUIOR, José Guilherme. **A astúcia da mímese: ensaios sobre a lírica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A criação do texto literário. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Flores na escrivantina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.